



Retirada da Laguna: derrota ou vitória?

Autor: Cel R1 Francisco José Mineiro Junior

Toda guerra é prenhe de dor. São ferimentos e destruições, são órfãos e viúvas, fogo e doença, são homens despedaçados instantaneamente no fragor das explosões ou gemendo dias a fio, ansiando o alívio da morte. A única justificativa de todo o sofrimento e esforço é a vitória. A doce Deusa Vitória e seu séquito: a glória, o prestígio, o lucro, o saque e a imposição da vontade. Então soa paradoxal quando uma retirada é



lembra e prestigiada por um Exército e pela Nação de que é parte. Retirada significa recuar, abrir mão do território conquistado a preço de sangue. Por que então o Brasil e seu Exército lembram e prestigiam o infiusto acontecimento conhecido como a “Retirada da Laguna”? O que foi, exatamente, o episódio? E por que sua memória é evocada, ao invés de ser sepultada sob uma escura lápide no mais ignoto dos cemitérios?

A Guerra da Tríplice Aliança começou no Sul do Mato Grosso. Foi o Presidente paraguaio, **Francisco Solano Lopes**, que decidiu invadir esse território em dezembro de 1864. Suas tropas foram muito além da faixa de terra entre os rios Apa e Branco, que era reivindicada pelo Paraguai e moradia de brasileiros. Da fronteira até Coxim, a terra foi ocupada e a população enviada presa ao país vizinho.

Logo depois, **Lopes** invadiu o Rio Grande do Sul.

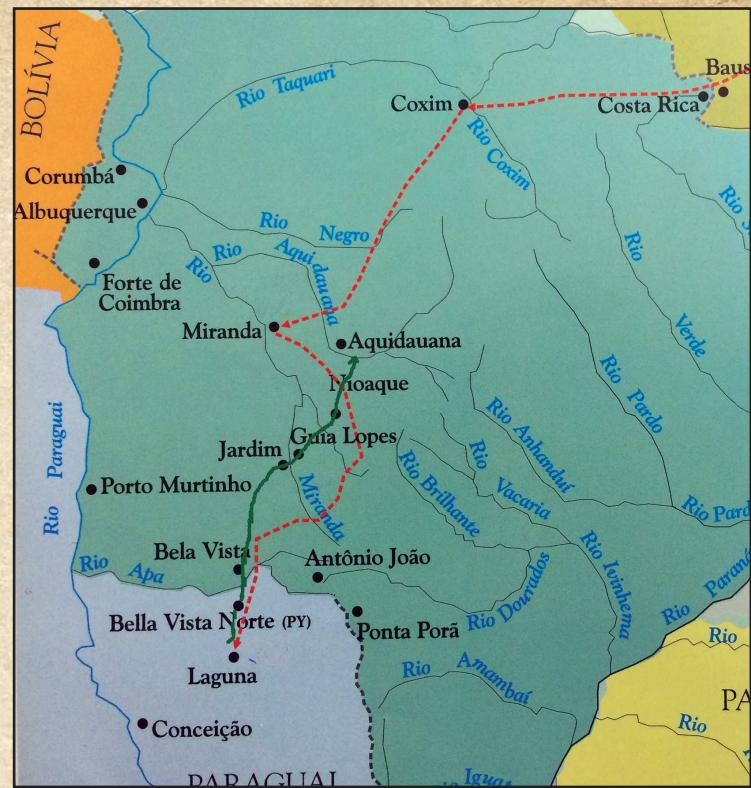
A reação do povo e do governo brasileiros foi de indignação e fúria. Era urgente, era uma questão de honra contra-atacar no Sul e no Oeste, expulsar o invasor, restabelecer a soberania do Império no território sob ocupação estrangeira!

A Expedição

O governo imperial decidiu organizar uma força expedicionária para retomar o território do Mato Grosso ocupado. Cabe lembrar que a geografia daquela região, população, distâncias, recursos existentes, tudo era desconhecido ou, no mínimo, impreciso. A partir de suposições e incertezas foi organizada uma expedição para retomar o espaço usurpado. Em abril de 1865, a tropa partiu de São Paulo com planos de receber reforços em Uberaba. Chegou àquela cidade mineira em setembro, recebendo reforços até mesmo do Amazonas. Foram cinco meses de marcha, um tempo inimaginável para nós, que vivemos na era das informações instantâneas e do avião. Para chegar à área de conflito, mais três meses e meio, até Coxim.

Em abril de 1866, a partir desta cidade, já abandonada pelo inimigo, a expedição iniciou a marcha para o Sul, em busca do invasor que se retirava. Na época, o principal meio de transporte terrestre era o cavalo. Uma epizootia dizimou a cavalhada dos expedicionários. Então a penosa marcha passou a ser a pé. Mesmo nas tropas de cavalaria, raros animais sobreviveram.

Lembremos que o território do sul de Mato Grosso, hoje o pujante Estado de Mato Grosso do Sul, era uma terra inóspita, deserta, pontuada aqui e ali por fazendas de criação extensiva de gado e algumas aldeias de índios. Onde hoje são rodovias asfaltadas, eram trilhos para o trânsito a cavalo ou, na melhor das hipóteses, tropas de gado bovino. Em diversos trechos, o caminho era uma simples trilha, própria para um homem a pé, e mais nada. Sem cidades, sem assistência médica, sem fontes de alimentos. Assim, a marcha por campos



Mapa da localização:
em vermelho tracejado, o itinerário de ida; em verde, a retirada.

e pantanais cobrou um pesado tributo em vidas.

A fome era o inimigo mais constante. O gado bovino em pé, que marchava acompanhando as tropas, era a principal fonte de alimentação. Quando as estradas permitiam, carretas tracionadas por bois levavam outros gêneros alimentícios. A dieta exclusiva de carne levava a outros problemas, como surtos de beribéri.

Somente em 17 de setembro, cinco meses depois de iniciada a marcha pelos pantanais, a expedição chegou a Miranda. Hoje agradável cidade, era, na ocasião, um povoado semidestruído pelos invasores. A tropa brasileira já estava atacada por doenças e fome, e os paraguaios tinham recuado mais, destruindo tudo em sua retirada. Ficaram em Miranda, sofrendo o efeito do calor, das chuvas e da humidade pantaneiros, até janeiro de 1867, quando prosseguiram para Nioaque.

Foi em Nioaque que se reuniu à tropa o fazendeiro **José Francisco Lopes**, profundo conhecedor da região, patriota, cuja família havia sido aprisionada pelos

paraguaios. Trouxe consigo rebanhos de seu gado que cedeu para mitigar a fome dos expedicionários.

Na Nioaque semidestruída pelos guaranis, o Comandante da tropa era o Coronel **Carlos de Moraes Camisão**. A ele cabia a decisão de, apesar da falta de recursos, tentar invadir o Paraguai pelo norte ou recuar. A falta de toda sorte de recursos, principalmente comida, era fator preponderante, indicando o recuo. E, de mais a mais, a tropa invasora também tinha ido embora do Brasil.

Mas **Camisão** estivera em Corumbá dois anos antes, quando aquela guarnição militar recebeu ordem de abandonar a cidade, e esta ação pesava em seu passado como uma mancha. Pessoas o haviam acusado, e a todos de Corumbá, de covardia. Talvez por isto, talvez como uma forma de desagravar seu nome, o Comandante decidiu avançar para o sul.

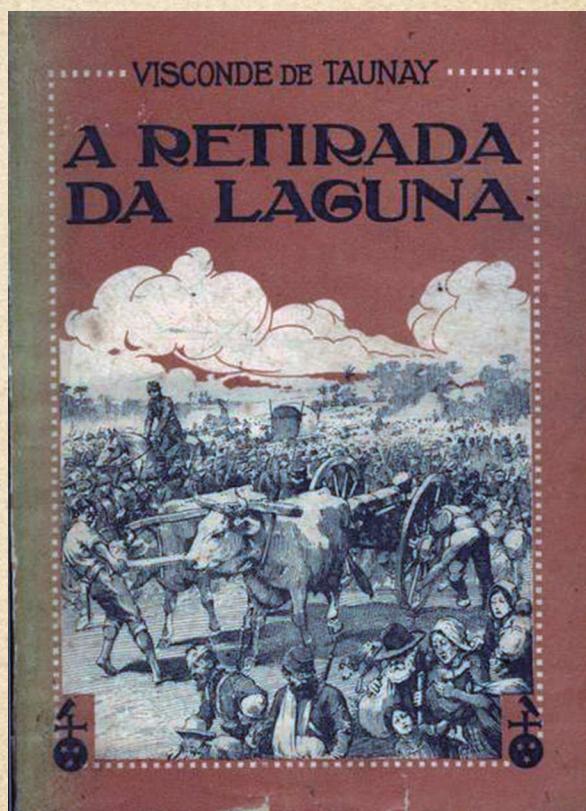
Conta **Taunay** que, bem no momento em que se reuniu o Conselho de Guerra para decidir pelo recuo, chegou um rebanho, o último do fazendeiro **José Francisco Lopes**, e foi o sinal que **Camisão** queria para decidir pelo avanço.

Corriam rumores de que, poucas léguas depois da fronteira, havia uma fazenda de propriedade do próprio **Solano Lopes**, cheia de gado e de outros recursos, que poderiam reabastecer a tropa brasileira. Aqueles boatos podem também ter servido de motivação para a equivocada decisão. No dia 21 de abril de 1867, a tropa brasileira atravessou o rio Apa, fronteira reconhecida pelo Brasil. **Camisão** fez consignar em documento a hora em que cruzou o rio e bebeu um copo de suas águas, naquele tempo, límpidas. Mais de mil e oitocentos militares, e um sem-número de mulheres, comerciantes, crianças e índios pisaram a fronteira líquida.

A Retirada

Os brasileiros avançaram Paraguai adentro, alcançaram a Fazenda Laguna e, num ataque de surpresa, derrotaram a tropa paraguaia que lá estava. Mas, sem cavalos, não conseguiram alcançar os paraguaios, que se retiraram levando todo o gado e incendiando o que ficou para trás. Sem alimentos, sem cavalos e sem comunicação com o Brasil, **Camisão** tomou a inescapável decisão: iniciar uma retirada. E, no dia 8 de maio, começa o difícil caminho de volta.

No dia 11 de maio, os retirantes atravessaram o rio Apa de volta para o território brasileiro. Num pequeno planalto, três quilômetros depois da travessia, as tropas paraguaias prepararam uma emboscada, e ocorreu a mais feroz batalha da campanha do Mato Grosso. O treinamento e o desespero dos brasileiros fizeram com que levassem a melhor.





Homenagem aos mortos na Batalha de Nhandipá, em Bela Vista (MS).

Os atacantes terminaram por recuar para o Paraguai, deixando cerca de 200 mortos. Mas levaram todo o gado que se espalhara pelos campos, apavorado pelos tiros. Dias depois, o comandante paraguaio fez erguer, no local, uma cruz de madeira, em homenagem aos mortos. O acontecimento passou para a História com o nome de Batalha de Nhandipá, e o local onde a areia bebeu o sangue de brasileiros misturado com o de paraguaios hoje é uma praça de Bela Vista, com um monumento.

Os dias que se seguiram foram de inferno sobre a Terra para os retirantes. A coluna passou a ser assediada pela eficiente cavalaria paraguaia, em sucessivas emboscadas. A vantagem dos retirantes eram os quatro canhões *La Hitte*, habilmente manobrados, e as manobras de infantaria, incentivadas pelos Oficiais e pelo espectro da morte.

Entretanto, mesmo sem a ação do inimigo, a marcha já seria insana. Havia a fome, cada vez mais intensa, com os homens chegando a cozinhá peças de couro para comer. Havia o clima extremo. Em alguns dias, um sol causticante, queimando a pele, com seus efeitos agravados pela intensa umidade; na noite, uma friagem que afligia as pessoas

envoltas em roupas úmidas; em outros dias, as violentas tempestades, que estremecem o Pantanal, derramavam-se sobre os fugitivos, ciosos em manter a atenção às emboscadas, o rumo do caminho e a pólvora seca. Naquele período do ano, a vegetação dos campos estava amarela, ressequida. Com dois dias de sol, já o capim e as ramagens viravam uma arma de guerra: os paraguaios, com a rapidez que os cavalos permitiam, ateavam fogo a favor do vento. Naqueles dias, dezenas de retirantes morreram queimados ou sufocados. Os bois de tração morriam e as carretas, com o que restasse de alimento e, principalmente, com as munições, eram empurradas a braço.

Mas o pior flagelo apareceu em forma de doença: o cólera. Oficiais, praças e acompanhantes começaram, em número cada vez maior, a apresentar sintomas da doença que levava ao óbito em um ou dois dias, em meio a dores lancinantes. A cada homem que adoecia, quatro a oito eram mobilizados para carregá-lo. A marcha tornou-se mais lenta, mais dolorosa. Na noite de 24 de maio, o Coronel **Camisão** tomou outra dura decisão: deixar para trás mais de 130 militares atacados pela doença, moribundos. Foi aberta

uma clareira às margens de um riacho, e os doentes deixados à sombra de um precário cartaz: “piedade para os coléricos”. Logo eles foram alcançados e quase todos mortos pelos paraguaios, que denominaram o local do abandono de “Cambarecê” – “o lugar onde o negro chorou”. A expressão “negro” era a referência guarani atribuída a todos os brasileiros. Existem documentos que mostram que pelo menos um dos abandonados conseguiu rastejar entre as macegas e, andando sozinho pelos matagais, viver para contar sua história.

O Coronel **Camisão** não sobreviveu muito à sua dolorosa decisão. Em 29 de março, já às margens do rio Miranda, sucumbiu ao cólera. No mesmo dia, morreu também o **Guia Lopes**. A tropa atravessou o rio já sob o comando do Major **José Tomás Gonçalves** e, do outro lado, encontrou um pomar carregado – a sede da fazenda do Guia **Lopes**. A fartura de laranjas era tal que expulsou a fome e as doenças.

Ainda em marcha, chegaram a Nioaque. Os paraguaios, a cavalo, avançaram à frente e atacaram Nioaque. Antes de retrair definitivamente para o Paraguai, mataram, saquearam e incendiaram quase tudo. Deixaram intacta a pequena igreja. Intacta e cheia de barriletes de pólvora, mais pólvora pelo chão e alguns isqueiros espalhados. Quando a coluna chegou e se espalhou pelo vilarejo, não faltou um militar mais curioso para acionar um dos isqueiros e fazer explodir a igreja, matando 15 brasileiros. Foi a última ação do inimigo no sul do Mato Grosso. A partir daí, a marcha seguiu menos penosa, até os retirantes serem acolhidos pelas tropas amigas no Porto do Canuto, às margens do rio Aquidauana. De quase três mil homens que chegaram a compor a força expedicionária, apenas 700 voltaram a Porto Canuto. Trouxeram as bandeiras, os canhões e a honra intactos. Deixaram milhares de sepulturas.



Foto: Cel Mineiro

Por Quê?

Existe alguma coisa para comemorar em uma sucessão de erros estratégicos e de decisões que resultaram em mais de dois mil mortos, e com pouco impacto sobre o resultado da guerra? Existe. Existe muito a ser visto, estudado e mesmo comemorado. O mais importante é a extrema manifestação de qualidades militares ou, mais que isso, qualidades humanas, daqueles que participaram do episódio. Foi uma magnífica demonstração da persistência, da resiliência, da tenacidade de que o ser humano é capaz, mesmo submetido às mais intensas adversidades. Famintos, sujos, exaustos, doentes, sob tiros e incêndios, sol e chuva, aqueles soldados caminharam e manobraram, caminharam e carregaram os doentes e feridos, caminharam e empurraram os

pesados canhões e carretas de munição, caminharam e portaram a bandeira do Império. Os oficiais e sargentos, sofrendo dores intermináveis, comandaram e deram exemplo à tropa.

A medalha criada pelo governo Imperial para os participantes da epopeia tinha o dístico “constância e valor”. Sucinto, lacônico e verdadeiro, pois são esses valores que o sangue, o suor e as lágrimas dos retirantes da Laguna cimentaram na alma brasileira. São esses valores, nobres em qualquer tempo da longa História humana, que aqueles esquálidos sobreviventes trouxeram em seus bornais, e que devem sempre ser passados aos que no futuro virão.

É por isso, pelo exemplo extremo de constância no cumprimento da missão recebida e de valor pessoal e militar, que os heróis da Retirada da Laguna serão sempre lembrados – mesmo tendo sido uma retirada.



Frente da Medalha.



Verso da Medalha.

A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

Esta história aconteceu na cidade de Pirassununga (SP) e teve início no Asilo **Nossa Senhora de Fátima**. Apresentou, como protagonista, o Senhor **Diógenes Pinheiro de Oliveira**, de 85 anos de idade, que participou da pesquisa “Eu ainda quero”, promovida pela Fundação **José Carlos da Rocha**, sediada em Pindamonhangaba (SP). Essa pesquisa foi efetivada junto a idosos assistidos em 12 asilos do interior paulista, com levantamento de sonhos não realizados. Naquela oportunidade, o **Sr. Diógenes** expôs o seu desejo de ter sido soldado do Exército Brasileiro.

Residindo no Asilo **Nossa Senhora de Fátima**, em Pirassununga, próximo ao 13º Regimento de Cavalaria Mecanizado (13º RCMec), o **Sr. Diógenes** foi convidado a ter um dia de soldado, realizando, assim, um sonho antigo.

Com adesão maciça e espontânea do efetivo da Unidade, o **Sr. Diógenes** viveu um dia diferente, participando das mais diversas atividades do quartel: vestiu a farda camouflada, prestou continência em uma formatura com todos os integrantes da organização militar, hasteou o Pavilhão Nacional, realizou deslocamento em um carro de combate e teve instrução de tiro.

O dia foi repleto de emoções; um merecido prêmio proporcionado pelo 13º RCMec a um cidadão que manteve vivo o sonho de servir ao Exército Brasileiro.

